

UMA CONVERSA COM ALFREDO VEIGA-NETOⁱ

Rosimeri de Oliveira Diasⁱⁱ

Heliana de Barros Conde Rodriguesⁱⁱⁱ

Rosimeri: Esse momento é para mim uma alegria. Fiquei muito feliz quando soube que conseguiríamos realizar esta conversa-entrevista com o Alfredo, para pensarmos as itinerâncias, os deslocamentos entre Michel Foucault e educação. A alegria aumenta, em especial, porque o momento de pandemia exige que a gente pense e faça estratégias para seguir afirmando a vida. Escolhemos esse plano de entrevista-conversa, de perguntar e de responder, para fazer circular o que há de itinerâncias e deslocamentos em seu encontro, Alfredo, com a obra de Michel Foucault e a educação. E eu gostaria de iniciar pela sua formação. Conta um pouco para a gente, Alfredo, sobre como foi sua trajetória formativa, com graduação em História Natural e em Música, com mestrado em Genética e doutorado em Educação. E mais: como foi o seu encontro com Michel Foucault?

Alfredo: Então, muito obrigado por essa oportunidade, pelo convite. Destaco a importância dessas parcerias e dessas aproximações com você, Rosimeri, e com a Heliana, e agradeço por esse interesse de vocês em fazer algumas perguntas para mim. Vou começar respondendo de uma forma que é um tanto pessoal, mas ao mesmo tempo é verdadeira. Acerca dessa minha trajetória tão múltipla, com alguns aspectos díspares, tem uma explicação: é que a estrada é longa; eu, com 75 anos que estou agora, comecei cedo e sempre me envolvi com várias coisas diferentes. Tive, portanto, interesses múltiplos e isso resultou numa trajetória múltipla. E, de dois a três anos para cá, esses diferentes caminhos estão convergindo para alguns pontos em comum, que irei comentar em seguida. Eu me interessava muito por Ciências, Biologia, animais, vegetais, esse tipo de coisa. Tive uma educação muito marcada por uma coleção de livros que não existe mais há vários anos; se chamava “O tesouro da juventude”.

Heliana: Conheço...

Alfredo: Vocês só sabem disso por bibliografia; afinal, vocês não viveram essa época. Mas isso me marcou muito. Tinha o livro da vida, o livro da história, ambos eram parte desses 18 volumes, e eu me criei lendo tudo isso. Lendo e estudando. Com isso, eu me interessei por Biologia, mas também me interessava por música. Eram outros tempos — isso vocês também têm que compreender porque vocês não viveram nesse tempo —, em que a pessoa ao ser educada deveria estudar algum instrumento musical. E na época o mais comum era estudar acordeón. Eu comecei a estudar acordeón muito cedo. Ainda muito menino, a minha mãe teve um papel decisivo, pois foi estudar junto comigo. Ela me acompanhava, fazendo de conta que estava muito interessada e com isso eu me interessava. Estudei acordeón durante vários anos e, além disso, nos primeiros anos também estudei piano. Logo, era uma educação, eu diria, de caráter burguês. O menino



bem-educado deveria estudar essas coisas. Ao mesmo tempo, eu cursava o ginásio, o científico — como eram chamados à época —, e foi assim que entrei para a Biologia. Essas coisas foram simultâneas: eu assistia às aulas à noite, de forma que pudesse dispor de tempo para estudar piano, que logo passou a ser o meu instrumento, durante o dia. Com isso, consegui, com bastante esforço, fazer o meu curso de bacharelado em música; e piano era o instrumento. Como vocês podem ver, aí já são duas coisas diferentes, e ao mesmo tempo. Ressalto que eu era muito apoiado pelos meus pais, mas quando eu estava quase no início do curso de Biologia, a minha mãe faleceu. Em seguida, o meu pai casou de novo, de modo que eu fiquei morando sozinho. Fui, então, fazendo o meu curso de Biologia e concluindo o meu curso de aperfeiçoamento em piano. Bom... é só uma parte da história. E dentro da Biologia interessei-me pela Genética. À época eu já havia terminado piano. Na Biologia, fui bolsista do CNPq. Naquela época, a bolsa do CNPq era meio salário mínimo, o que já era muito bom, resolvia muito problema, porque nesse momento comecei a morar sozinho e tudo ficou mais difícil. Eu ainda dava aulas à noite... em um curso que, na época, se chamava Artigo 99, e que hoje se chama supletivo. Eu dava aula de segunda a sexta-feira, no turno noturno. E com isso, como bolsista do CNPq consegui terminar o meu curso de Biologia e continuar os estudos, fazendo o meu mestrado em Genética. Tem uma coisa que eu não coloco no currículo, porque acho que seria um excesso, mas que conto aqui para vocês. Como eu entrei para a Genética quantitativa, precisava conhecer estatística. Diante disso, para poder estudar Estatística fui estudar Matemática. Fiz uma parte da graduação em Matemática, quando estudei Estatística para aplicar na minha dissertação de mestrado. Quando eu me formei em Biologia, o curso se chamava História Natural. Isso foi em 1967; terminei o mestrado em 1975. Na época, os tempos eram muito diferentes; não havia esse produtivismo nem essa preocupação doentia, patológica, pela produtividade. Não havia, mas a gente tinha que fazer muito trabalho de laboratório, porque eu trabalhava com radiação ionizante em populações de *Drosophila*. O que é uma coisa bem diferente, imagina! Bom, eu tinha que contar isso para vocês; eu até fiquei perguntando para a minha mulher se eu falava ou não falava, porque outro dia, vasculhando, mexendo nas coisas que eu recebo do portal Academia, deparei-me com a mensagem de um *site*, desses que mandam a nossa produção, informando acerca de um texto em que eu fui citado. Mandaram para mim: “Parabéns, você foi citado”. Toda hora a gente recebe essas coisas, e eu tinha sido citado por um trabalho de 1976.

Rosimeri: Uau!

Alfredo: Vocês eram crianças pequenas.

Heliana: Não, infelizmente não.

Rosimeri: Eu era criança pequena. (risos)

Alfredo: O trabalho em que fui citado foi publicado em uma revista chamada *Mutation Research*. É uma revista dos Estados Unidos, por sinal muito séria, muito boa nesse campo da genética, e tinha um cara da cidade de S. Francisco, na Califórnia, com um trabalho que citava Cordeiro e Veiga-Neto. Cordeiro tinha

sido meu orientador de mestrado. Ele se chama Antônio Rodrigues Cordeiro, e está aposentado. É um cara importante porque foi quem introduziu, junto com Pavan e outros da USP, a Genética no Brasil, no final da década de 1940. Isto significa dizer que o meu orientador participou desse movimento, dessa parceria com os geneticistas dos Estados Unidos. Diante da informação recebida, fui ver do que se tratava. Era um texto que nos citava como “*Classical Findings*”: “os achados clássicos de Cordeiro e Veiga-Neto”. Confesso que naquele momento eu me senti um clássico. (risos)

Até hoje não sei se isso é para ficar contente ou se é para ficar triste; pelo menos, preocupado. Eu sou um clássico! *Classical Findings* refere-se à resistência de populações naturais frente a radiações ionizantes de cobalto 60. É uma piração o efeito genético das radiações; o efeito populacional dessas radiações entrou na moda novamente com Chernobyl, e ainda é muito importante hoje, sobretudo porque está muito em alta com essas coisas todas sobre o meio ambiente. Na época, era uma coisa muito acadêmica; mas hoje em dia está muito em alta, e isso é algo que me deixa muito contente. Hoje cedo, fiquei conversando com a minha esposa e, então, falei: “não sei se eu vou contar isso para as gurias”.

Rosimeri: Adoro!

Alfredo: Fui para Santa Catarina, onde morei 10 anos. Lá, trabalhei em um banco de sangue como biólogo, e fui um dos fundadores do que é hoje a UNESC, uma universidade comunitária situada na região do extremo sul de Santa Catarina. Lá eu fiquei morando e meus filhos nasceram. Eu me dividia, porém, entre Florianópolis — na Universidade Federal (UFSC) onde fiz um concurso — e Criciúma. Enfim, quando tive oportunidade de voltar para cá, para Porto Alegre, que é a minha cidade natal, consegui a transferência da minha vaga de Florianópolis para a UFRGS. Ao chegar aqui, fiquei, no início, como geneticista, e fui para a Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação; porém cabe lembrar que a essas alturas eu só tinha mestrado. À época, uma pessoa que foi importante porque me incentivou foi o professor Tomaz Tadeu da Silva. Ele era de Criciúma e tinha trabalhado comigo na UNESC, como meu assessor de cultura, porque lá eu cheguei a ser diretor geral (um cargo que hoje corresponde a reitor). Quando voltei para cá, abri mão de tudo isso. O Tomaz incentivou-me a voltar e a fazer o doutorado na Faculdade de Educação da Universidade Federal daqui (UFRGS). Minha família, também. Como eu já estava casado e com filhos, não poderia fazer fora daqui; além disso, as bolsas eram raríssimas e pagavam muito mal. Então eu tive que fazer em Porto Alegre mesmo. Mas, naquela época, o que havia ali era principalmente Piaget/construtivismo ou era Marxismo/teoria crítica. E eu não estava a fim de fazer em nenhuma dessas duas áreas. Eu tinha alguma atividade junto à turma do PT (Partido dos Trabalhadores), tinha minhas crenças e as minhas esperanças; porém, mais tarde, perdi as esperanças naquilo em que eu estava acreditando. O Tomaz insistiu: “entra no doutorado e para fazer a sua tese eu sirvo de barriga de aluguel”. Como eu já vinha estudando Filosofia e estava entre nós um colega, um suíço, que tinha feito doutorado sobre Piaget, em Genebra, e depois abandonando-o para estudar História da Ciência, estudei com ele e, ao mesmo tempo, comecei a estudar e

entrar em Foucault. Isso foi na década de 1980, por volta de 1985. Logo me encantei com “Vigiar e punir” e por ali eu entrei. Achei que tinha tudo a ver com educação, pois eu trabalhava com práticas de ensino, com instrumentação para o ensino da Biologia, enfim, com essas coisas. Fui estudando Filosofia com algumas pessoas muito interessantes; na minha Universidade havia um núcleo muito forte na área de Filosofia. Mas era uma Filosofia do Idealismo Alemão, do Existencialismo; de Foucault, muito pouco. Aí eu comecei a lê-lo e me aventurei a proporcionar uma vinda para Porto Alegre, isso há muitos anos, de uma pessoa que foi muito importante para mim: o professor Roberto Machado, um pernambucano, residente no Rio de Janeiro e professor da UFRJ. Foi muito importante a presença intelectual dele na minha formação, visto que me deu muitas dicas e por aí eu entrei para fazer meu doutorado em Educação, me valendo de uma perspectiva foucaultiana. É um caminho que, olhando para trás, fica mais fácil de se estabelecer. Em meio a tudo isso, a música passa por um período de abandono. Mas eu voltei a ela ainda na década de 1980, formando um pequeno grupo de jazz, inspirado na onda do jazz *mainstream* norte-americano, com um pouco de blues, ou seja, um jazz dos anos 1940, 1950, 1960. Formamos, então, uma pequena banda que chegou a ter 11 pessoas; depois, porém, nós fomos enxugando e ficamos em seis, seguindo na estrada, tocando por aí, em bons ambientes e também em espeluncas...

Rosimeri: Olha só! (risos)

Heliana: Que legal!

Alfredo: Gravamos um disco, e nos últimos 15 anos de banda terminamos nos fixando em 6 pessoas, ensaiando praticamente todas as semanas e tocando quase todos os sábados à noite nos botecos da vida. Os clubes de jazz eram minha válvula de escape e, neste sentido, o jazz era meu psicanalista. Nisso eu consegui também uma discoteca razoável, da qual eu me orgulho muito. Não está classificada, mas é numerosa e feita com muito esforço. Bem, o que mais posso contar mais dessa minha trajetória? Eu me aposentei fez 20 anos em novembro, mas continuei como professor, como convidado permanente no Programa de Pós-graduação em Educação da UFRGS. Grande vantagem, uma vez que não preciso participar de conselhos, não preciso mais me preocupar com administrações. Não preciso, portanto, me preocupar com isso; posso até dar “pitacos”, mas nem dou. Entretanto, há uma desvantagem, que é não poder lecionar na graduação. Sempre fui auleiro, no dizer de duas amigas professoras, a Sandra Corazza e a Guacira Lopes Louro. Elas sempre diziam: “tu, que és “auleiro...”. Eu não acho que elas diziam pejorativamente e eu até tomava aquilo como algo elogioso. Sempre fui muito auleiro, dei muita aula e sempre me agradei dessa proximidade com os alunos, com a formação profissional. Muita gente passou por mim, nessa brincadeira toda. Ao longo desse tempo orientei mais de 50 pessoas entre mestrado e doutorado, e agora estou com o meu último doutorando terminando no dia 30 desse mês^{iv}: um colombiano, Tulio Alexander Benavides, que nesse momento está em Bogotá. Então agora é assim: eu não tenho mais orientando, não ofereço mais vaga e estou só curtindo a convergência da qual falei para vocês ainda há pouco; uma convergência em que, de

um lado, estou vindo com Foucault e a Filosofia, e, do outro lado, venho com a música. Já publiquei dois trabalhos, capítulo de livro e artigo, que fazem uma associação, uma análise, entre a música e o pensamento de Foucault. E estou terminando o terceiro trabalho, que está associando dois versos da “Divina Comédia” com o *lied* “As noites estreladas” — *Die Sternennächte* — de Franz Schubert e mais um quadro de Vincent van Gogh, todos os três sobre noite estrelada, uma questão com a qual sempre me preocupei e me questionei muito, pois sou fã desses três: sou fã de Dante Alighieri, de Franz Schubert e fã incondicional de van Gogh. Pois bem, essa é minha distração. Estou cercado de coisas aqui, desses caras e dos que falam sobre eles. E hoje está muito fácil você saber, porque temos o Google, que nos fornece material muito rico. É claro que temos que saber procurar, que temos que colocar boas fontes, botar filtros, ter alguns cuidados; enfim, colocar crítica sobre aquilo que a gente lê no Google. Mas é uma fonte inesgotável e, por causa dessa fonte inesgotável que até poucos anos atrás era esgotável, me interessei por colocar à disposição das pessoas, principalmente de quem está chegando, os mais jovens, elementos no campo dos Estudos Foucaultianos: livros, filmes, fotografias, textos etc. Em 2012, criei — e mantenho até hoje — um portal que vem crescendo muito e no qual trabalho cerca de uma hora por semana. O portal chama-se “Foucault et alii”^v e é útil aos meus propósitos. A minha questão em ser útil vem de uma época em que poucos conseguiam ter acesso aos livros de Foucault ou a alguma tradução que, em geral, era ou de *História da loucura*, ou de *Microfísica do Poder*, ou de *Vigiar e punir*. O acesso ao seu pensamento era muito difícil: ou era importado ou era encomendado a algum amigo. Mas hoje isso mudou muito. E eu criei o portal com esse objetivo. Se vocês querem ver um vídeo sobre Foucault, se querem ter acesso a teses e dissertações de pessoas que me mandam. Submeto apenas à seguinte crítica: é dos Estudos Foucaultianos? Se pegar uma linha de Foucault, vai para o portal. Alguns livros eu até pirateio, porém só faço isso quando preciso para uso próprio. E não boto livro pirateado no portal; mas boto os *sites* onde estão os que os caras piratearam. Não quero confusão com a polícia e nem com os editores. Mas às vezes entro em um “sitezinho” da Rússia, né? Em Moscou tem um *site* que eu disponibilizo no portal; então, se tiver algum problema, vão criá-lo com quem? Com o dono do *site*. Eu apenas indico como uma possibilidade de acesso. Mas, outras coisas que me autorizam eu ponho direto no portal. Enfim, é como a atividade de um livreiro. Sempre gostei de livros, sempre gostei de mexer com livros, de editá-los, de editorá-los. Ressalto que alguns livros da coleção Estudos Foucaultianos, que criei na editora Autêntica — a editora, por motivos internos deles, não quer tocar isso adiante —, alguns daqueles livros, os primeiros principalmente, foram editorados aqui em casa mesmo, há muitos anos. Isso é uma coisa que gosto muito de fazer. Apesar de dar um trabalho medonho, aprendi muito, pois já traduzi, revisei também textos de colegas; alguns — poucos, é verdade — escrevem muito mal. Não vou contar para ninguém; porém, ao revisar, já tive que fazer reescritas trabalhosíssimas.

Heliana: Vai criar um portal.

Alfredo: Não, não vou fazer isso, mas bem que deveria, porque tem alguns que são como aluno e aluna. Sem contar que há algumas pessoas que sacrificam a gente, que quase colocam "nóis fumo" e "nóis vamo", quase! Aí você tem que revisar, cuidar, voltar; as referências vêm de qualquer jeito. É assim que funciona, e eu estou dedicado a fazer isso. Eu me sinto bem, após os problemas de saúde que tive recentemente. Há cinco anos tive uma pneumonia raríssima e demoraram muito para descobrir a causa. Parte da descoberta se deu porque, por sorte, minha filha estava fazendo uma residência no Mount Sinai, em Nova York, e eu mandei muitos dos resultados para lá, e eles ajudaram no diagnóstico. Além disso, contei com um excelente médico da Santa Casa de Porto Alegre que diagnosticou que se tratava de uma pneumonia complicada, mas não infecciosa... Depois disso, tive um AVC; aí levei um susto grande! Fiquei um pouco desorientado durante um período, mas não ficaram sequelas; apenas fiquei com o campo visual comprometido durante uns tempos. Me recuperei, me tornei leitor ainda mais fanático pelo Oliver Sacks, que é um autor maravilhoso, principalmente sobre essas questões.

Rosimeri: Maravilhoso! Também gosto muito dele.

Alfredo: Maravilhoso em todos os sentidos, sou fã dele. Tenho livros dele em português, inglês, francês e espanhol, e muito do que foi produzido até na forma de artigo científico mesmo; passei a me interessar mais por ele depois do meu AVC. Recuperei-me desse AVC e mudei um pouco a minha rotina, pois eu vivia na velocidade: dormia pouco e trabalhava muito. Mudei um pouco, até cancelei novos alunos e novas orientações.

Falei tudo o que eu tinha para falar de mim; nem sei nem mais o que possa falar.

Rosimeri: Que é isso! Foi uma maravilha te ouvir e ver essa história única.

Alfredo: É porque sou velho e a estrada é longa. Então, é mais ou menos como o pato, uma ave que caminha feio, nada pouco e voa mal. Aliás, por outros motivos, o apelido do meu filho é Pato... O pato doméstico não é um tigre, não é um peixe, não é uma águia; mas faz tudo o que eles fazem. Eu faço as coisas assim e sinto-me bem com isso; e vou continuar fazendo. Estou neste exato momento — só para vocês terem uma ideia de onde estou me metendo — estudando uma partezinha — na verdade são três versos — de *Júlio César*, de Shakespeare, onde ele faz uma associação entre “destino e estrela”, e a minha questão é a noite estrelada. Desse modo, no estudo que estou fazendo, citarei uma pessoa — ela ainda não sabe, e não vou contar nem para vocês. É uma surpresa. Shakespeare entra apenas como amarração entre os outros três, para formar uma superfície onde circulam a admiração, a beleza e o respeito que tenho por essa pessoa, no campo dos Estudos Foucaultianos, seja pelos estudos que ela realiza, seja pela sua seriedade perante a vida. Eu não tenho nenhum convívio pessoal com ela; mas nos contatos acadêmicos que tivemos e tudo que li dela e sobre ela me fazem afirmar que tem um papel muito importante nesse campo; então, esse texto que estou escrevendo é dedicado a essa colega.

Heliana: É para o livro, Alfredo? Será uma homenagem?

Alfredo: É para o livro que o Haroldo de Rezende, nosso colega da Universidade Federal de Uberlândia, está organizando.

Heliana: Duvido que ainda não tenha desconfiado....

Alfredo: Heliana, é uma piração, entende? É mais ou menos aquela coisa do útil e do inútil: uma utilidade zero, mas ao mesmo tempo, muito grande. Em termos utilitaristas, a utilidade é zero. Porém, num outro sentido, a utilidade é total, é 100%. Porque é isso que nos faz diferentes dos estultos, dos burros, dos animais, dos teimosos dos quais queremos nos afastar. Então, para mim serve para isso, para ter esse prazer. Eu quero colocar a homenageada ali, pois embora não tenha amizade pessoal ou cotidiana com ela, tenho amizade acadêmica. Toda as vezes que precisei de alguma coisa, ela foi extremamente generosa e atenciosa; então eu quero colocá-la nesse mundo estrelado, fazendo uma analogia com a noite estrelada. Colocá-la como aquela estrela — que na verdade é o planeta Vênus, que aparece no quadro de van Gogh. Colocá-la também no lugar do poema que o austríaco Franz Schubert usou para criar *As noites estreladas*. Então é piração, e eu posso me dar ao luxo de fazer isso. E por que *Júlio César*? Porque o personagem diz para Brutus, em uma passagem no terceiro ato: “O destino não está nas estrelas, o destino está aqui, você olha para as estrelas e toma seu destino”. Uma coisa maravilhosa isso, não é mesmo? Não quer dizer que exista ou não exista Deus, mas não é ele que faz o teu destino. Tu fazes o teu destino e a tua história. Claro que Marx já sabia disso no século XIX, mas todos esses caras já sabiam disso muito antes dele. É muito bonito isso: tu elegeas as tuas escolhas, como fizera Shakespeare, em sua sabedoria, ao colocar a fala na boca de Júlio César.

Heliana: Fiquei pensando mil coisas, não sei se você faz outra pergunta, Rosi, ou a gente...

Rosimeri: A gente faz a outra pergunta, porque já liga com o campo da educação. Você nos contou que foi na década de 90 do século passado, se não me engano, que você iniciou um intenso trabalho de aproximação entre o pensamento de Michel Foucault e o campo da educação no Brasil. Ao longo das décadas, você se configurou como uma referência no que você mesmo denominou “Estudos Foucaultianos em Educação”. Talvez seja possível dizer que você, Alfredo, não é somente um grande estudioso e divulgador de Michel Foucault no campo da educação no Brasil, mas também para a América Latina. Gostaríamos que você nos falasse sobre essa trajetória. Mais uma trajetória, não é mesmo? Uma trajetória de pesquisa e de propagação do pensamento filosófico de Michel Foucault, e um certo modo de acontecimentalizar os trabalhos, dentre os quais alguns que você mesmo já mencionou anteriormente, tais como a coleção da editora Autêntica, *Estudos Foucaultianos*. Além disso, gostaríamos que nos dissesse um pouquinho mais da importância dessa presença de Michel Foucault no campo da educação.

Alfredo: Essa questão é muito interessante, porque comecei a estudar Foucault, de fato, em meados da década de 1980. Eu me recordo muito bem, pois Foucault morreu em meados de 1984, e eu já estava lendo o cara; mas era muito o Foucault de *Vigiar e punir*, sabe? Tinha muito a ver com as práticas que eu mesmo

observava nos meus alunos, nos estagiários de graduação. Eu era professor de “Instrumentação para o Ensino de Ciências”, que é um campo muito “convergente” — para usar uma expressão do Thomas Kuhn — em que o ensino de ciências não é para pensar livremente; o ensino de ciências é para pensar dentro de determinados enquadramentos, que ele chamou de paradigmas. Então, essas coisas estavam batendo muito em mim e Foucault estava presente nesse mesmo sentido. Vejam que Thomas Kuhn foi um estruturalista; então ele está longe de Foucault. Mas tem a mesma pegada de mostrar que a educação escolar é feita de práticas convergentes, de práticas disciplinares, práticas de padronizar a percepção, a representação e os usos do espaço e do tempo. Isso tem tudo a ver com o estruturalismo de Thomas Kuhn e com ensino de ciências; por isso comecei a mexer com Foucault. Isso foi no início da década de 1980. Recordo-me que, em 1984, a morte de Foucault foi muito falada. Ele morreu de Sarcoma de Kaposi, como era chamada a doença infecciosa que teve por ser soropositivo. Na época, a SIDA/AIDS era pouco conhecida e totalmente associada ao pecado, à vida devassa, à homossexualidade, às drogas. E Foucault tinha essa imagem de homossexual, de ser chegado em drogas, e isso marcou muito a década de 1980. Com a morte dele, estavam dados os elementos para que eu desenvolvesse o meu interesse em Foucault em educação, com educação e para educação. E foi por aí, então, que eu entrei, muito levado e estimulado pelo professor Roberto Machado. Foi aí que eu passei a conhecer a Salma Muchail e esse pessoal muito mais ligado à Filosofia, mas quase nada à educação. Comecei, então, a me dar conta de que tinha tudo a ver, não só simplesmente com as práticas disciplinares, com os processos da educação escolar, mas com a própria criação de subjetividades — processos de subjetivação, eu diria melhor hoje — sobre os “sujeitos sujeitados” a essas práticas e rituais escolares. Naquele momento, conheci uma pessoa que também foi muito importante: a Professora Júlia Varella, de Madri. Maravilhosa sua *Arqueología de la escuela*! Ela e seu companheiro Fernando Álvarez-Uría, pessoas absolutamente adoráveis, com quem mantenho correspondência. Com ele, me correspondo menos; mas com ela é quase semanal, até hoje. Conheci outras pessoas adoráveis e que faziam esse Foucault falando comigo, esse Foucault da educação, das práticas escolares, da desmistificação da disciplina, compreendendo-a não como algo ruim, mas como algo produtivo. O poder disciplinar, visto como poder opressor — algo que eu tinha aprendido lá com algumas leituras dos liberais e depois com leituras marxianas e marxistas; enfim, leituras da Teoria Crítica. Eu tinha aprendido que no futuro teríamos uma sociedade livre de poderes; mas esses mitos todos foram desmanchados por Foucault; por isso, sua leitura para mim foi muito cara naquela época. Então isso tudo me interessou. Tenho que confessar para vocês que houve também a influência de uma leitura na época muito importante: foi a leitura de um estruturalista, que escrevia sobre Ciência: Thomas Kuhn. Tive a sorte de fazer um curso sobre Kuhn, com um grande especialista que esteve aqui entre nós, em Porto Alegre, no Instituto de Filosofia — o Professor Thomas Kesselring. Ele fazia uma leitura filosófica de *A estrutura das revoluções científicas*. E estudei também com uma colega, uma professora da Filosofia e História da Ciência

— a Professora Ana Carolina Regner, falecida ainda no início deste ano. Ela tinha escrito uma tese maravilhosa sobre Darwin. Foram pessoas com quem eu li, com quem conversei e com quem cheguei a estudar. Com a Ana Carolina, fizemos um grupo para estudar, entre outras coisas, Paul Feyerabend e seu anarquismo metodológico. Tudo isso tinha pontos em comum com Foucault. Publiquei alguns artigos, fiz algumas relações teóricas. São tradições que se alimentam de variadas vertentes, como é o caso do próprio Feyerabend. Parece que Feyerabend não ter nada a ver com Thomas Kuhn, mas tem. E parece que ambos não têm nada a ver com Foucault, mas têm. Então eu comecei a fazer não esses casamentos, eles não casam! Mas eles ressoam entre si, eles falam quase que de um mesmo mundo, e isso me interessou. Com esse olhar, comecei a ver que ainda havia campo virgem para explorar, isso é, pensar o “careca”, pensar Michael Foucault *para a e na* educação. Havia uma colega aqui na UFRGS, muito estudiosa: a professora Rosa Maria Fischer. Ela se interessava por Foucault e também chegou a escrever um livro sobre ele, nessa coleção da Editora Autêntica que eu dirigi por muitos anos. O livro *Trabalhar com Foucault* é importante; mas a Rosa se interessava bem mais pela Arqueologia. Ela é jornalista de formação e se interessa muito pelo discurso, análise do discurso, análise arqueológica etc. Confesso para vocês que até hoje não gosto muito disso, não é a minha praia; não acho que seja ruim, mas eu não gosto! O problema é meu. Então, eu entrei direto pela genealogia e nunca dei muita importância para o “primeiro” Foucault. Se nós quisermos, uma anarqueologia ou arqueogenealogia; aí é outra história. Mas, enfim, a esse que começaram a chamar de “terceiro Foucault”, eu nunca me dediquei muito. Só de uns anos para cá comecei a ler “seriamente” e ver que ali há muitas coisas interessante. Não me interessa tanto o esse “terceiro Foucault” pelas discussões sobre a amizade; sei que é importante, mas a mim não interessa. Há gente muito boa em nosso país que trabalhou e trabalha com isso, ainda. Tudo bem! Mas eu quero saber é desse “terceiro Foucault” na educação, nesses processos do ser consigo mesmo. Aquilo que o Miguel Morey, nosso ex-colega — já aposentado, da Universidade de Barcelona — chama de “o terceiro domínio”. Para ele, não se trata de *fase* nem de metodologia; trata-se de “domínio”. Copiei isso dele, no meu livro *Foucault e a educação*. Uso esse conceito a partir do Miguel Morey: o domínio do ser sujeito a partir de saberes, primeiro; o domínio do ser sujeito a partir de poderes, segundo; e, por fim, o domínio do ser sujeito a partir das relações de si consigo mesmo. Não é só o si, mas o si mesmo, práticas de si mesmo; práticas do olhar-se, ver-se, comunicar-se, analisar-se, narrar-se. Esse é o lugar das tecnologias do eu. De uns anos para cá, estou muito entusiasmado com esse Foucault tardio para a educação. E tem muita gente fazendo isso de uma maneira maravilhosa; mas para a educação ainda há pouca coisa. Agora mesmo, saiu uma tese de doutorado da UNIFESP sobre isso — tive a felicidade de o doutorando me convidar para a banca; faz quase 2 meses e a tese já está no portal. Ele trabalhou muito bem esse assim chamado “terceiro Foucault” articulado à educação. Então, chego à conclusão de que Foucault é aquilo que um dia eu falei e que um colega escreveu: um “criptoeducador”. Ele é um educador. Não somente porque dava aulas, que eram magníficas; sim, é

também por isso. Mas tu não pensas em Foucault sem pensares no processo de educação como formação de subjetividades — não como acúmulo de informações nem como preparação para o trabalho; serve para isso também, mas é muito mais do que isso. É por isso que me interessa esse Foucault *com a* educação e *para a* educação; bem como as passagens nas quais ele se refere à educação, em suas aulas. Está tudo anotado, tudo marcado aqui na minha biblioteca. Ele se refere explicitamente às práticas de ensinar e aprender; à escola, ele se refere muito, mas à educação num sentido mais amplo há bem menos referências. Mesmo poucas, são muito elucidativas, muito fortes; ou seja, não há pensamento que não seja pensamento que já foi educado. A própria questão da linguagem, da aquisição da linguagem, que não se reduz a uma educação simplesmente de sala de aula, é educação no sentido radical. Não é simplesmente aprender e moldar uma interioridade ou “colocar”, nessa interioridade, aquilo que vem de uma cultura. Nesse sentido, acho que tem tudo a ver. Gosto também daquele Foucault dos meus amigos, dos nossos amigos, dos amigos de vocês, dos amigos da Filosofia; do Foucault, enfim, da sexualidade — acho tudo isso muito bom, aprendo demais; mas estou interessado, mesmo e ainda, no Foucault da educação. Nesse livrinho, que nunca me encorajei a atualizar — aqui está a quinta edição —, trato de “Foucault e a educação”. Se fosse escrevê-lo hoje, ampliaria a última parte dele, ampliaria muito o domínio do ser consigo mesmo. Eu ampliaria, pois acho que está muito curtinho. Naquela época — o livro foi escrito em 2002 —, não dei toda a importância que deveria ter dado, e que hoje daria, ao chamado “Foucault da ética”, do domínio do ser consigo mesmo. Minhas respostas são muito longas, Rosi. Desculpa-me...

Rosimeri: Não, não, estão ótimas! Heliana, você quer fazer uma pergunta agora?

Heliana: Quero primeiro agradecer. Mas, Alfredo, quero te dizer que sou praticamente da tua idade. Assim como você, li o *Tesouro da Juventude*. Também quiseram que eu estudasse piano — estudei um pouco, mas, infelizmente, não consegui um desenvolvimento como o seu. Muitas das coisas de que você fala me fazem lembrar outras coisas e, agora no final, com você falando de Foucault na educação, eu estava pensando sobre o que recebi outro dia — você deve receber também —, aquele *Foucault News* que nos mandam, e nele eu vi uma história em quadrinhos sobre Foucault e a educação. Aí, fui lá toda feliz, crente que seria uma coisa engraçada e era uma coisa completamente idiota: Foucault na sala de aula dizendo que os alunos estudassem o que quisessem, e aí os alunos não queriam estudar nada. Em função disso, ele se torna autoritário, ordena. Um negócio estúpido, horrível! Acho que a discussão sobre Foucault e a educação é importante porque às vezes ela é muito ruim. Mas o que fiquei pensando, a partir da tua trajetória, foi que recentemente — e eu nunca tinha me tocado tanto sobre isso — atentei para o fato de que, em *As palavras e as coisas*, você vê o interesse de Foucault pelos temas da Biologia, e também em *O nascimento da clínica*; mas li recentemente os cursos antigos sobre sexualidade, um deles ministrado em Clermont-Ferrand e outro em Vincennes^{vi}. E fiquei impressionada com tudo aquilo que Foucault fala a partir da Biologia. Aí me vem à lembrança o evento que a gente pretende fazer na UERJ, sobre *A ordem do discurso* — vamos ver como

é que vai ficar isso, com a pandemia. Mas, seja em *A ordem do discurso*, seja na entrevista, pouco antes disso, com Merquior e Rouanet^{vii}, seja nos próprios cursos antigos sobre sexualidade, Foucault faz referência a passagens de François Jacob, por exemplo. Então, acho que você um dia deveria resgatar essa questão de Foucault com a Biologia, porque, a meu ver, ele tira da Biologia coisas muito libertárias. Nesses cursos sobre sexualidade, por exemplo, isso é incrível. Fiquei impressionada, porque os cursos são, creio, de 1964 e 1969. A história é meio assim: há processos de cunho biológico e o sujeito é apenas uma ponta; uma loucura! A minha pergunta, uma, é: você já pensou em juntar essas coisas? A outra — você sabe que a gente esteve no congresso na Colômbia e gostamos muito, não só do congresso, como da Colômbia — é uma curiosidade sobre a forma como você estabeleceu esse nexos tão intenso e tão bonito com os colombianos. A partir daí, tudo o que sai a respeito eu olho: você se apaixona não só por amigos, como por locais, quando eles te marcam; e a Colômbia foi muito forte. Enfim, eu queria saber um pouco das duas coisas: a questão da Biologia, isto é, se já te atraiu trabalhá-la mais em Foucault, e a questão da relação com a Colômbia. No caso da Biologia, talvez até fosse algo interessante para juntar com esse “terceiro Foucault”, não sei. Mirabolando!

Alfredo: Pois é, essa coisa da Biologia é muito interessante porque a graduação que Foucault tinha era em Psicologia e eu andei buscando uns currículos da época — afinal, o meu campo na educação é Teorias do Currículo. Então, eu tenho acesso a essas coisas e há algum tempo já, andei examinando o currículo da época em que Foucault, na França, estudou Psicologia. E era uma Psicologia nitidamente biológica, muito forte. Bom, os franceses de modo geral são muito fortes em Biologia. Eles têm uma tradição biológica muito forte. Lamento que tenham uma tradição muito lamarckiana, mas isso é outra coisa; isso é um atraso, mas não é o caso de Foucault. De fato, é muito interessante essa sólida implantação que depois vai se refletir, tu muito bem lembraste, na *História da loucura* e, principalmente, em *As palavras e as coisas*. Quer dizer, as sacações sobre Mendel e sobre Darwin que ele faz, são incríveis! Ele bota de cabeça para baixo, inclusive, as interpretações de historiadores do mendelismo e do darwinismo. Era um negócio maravilhoso; quero dizer: ele, que não era da Biologia e que nem era da Genética, botou de cabeça para baixo a História da Genética; e, hoje, as leituras sobre o mendelismo, sobre, digamos, o *a priori* Mendel, todas usam Foucault e a episteme do século XVIII-XIX; todo mundo fala disso, da influência foucaultiana. Neste sentido, a influência dele foi muito grande, muito positiva. Portanto, eu tenho de dizer que concordo contigo e que eu já pensei nisso. Mas ele foi muito bom em Biologia, muito bom mesmo; e talvez por isso eu esteja explorando um campo no qual ele foi muito ruim: o campo da música. Não que eu vá fazer coisas que ele não fez, ou que deveria ter feito e não fez. Não! Longe de mim.

Heliana: Foi ótimo você trabalhar o campo da música!

Alfredo: Pois é, mas no campo da música ele era “muito fraco” — dito por ele mesmo em várias passagens. Ele mesmo disse que, numa época, aprendeu alguma coisa com um companheiro que tocava um violoncelo. Sei lá... O que sei de música, dele, é só isso.

Heliana: Na música, só o amor!

Alfredo: É isso aí, então. (risos)

Heliana: Ele ouvia Mahler fumando maconha, também.

Alfredo: Aí não consegue dormir — logo Mahler, que é superdifícil. Logo Mahler, dez vezes mais difícil que Beethoven. Mas, enfim, acho que o meu interesse é um pouco oportunista, pois, ao pegar algo que ele não tenha escrito ou trabalhado, fico com mais liberdade. Mas eu não tenho dúvida de que a Biologia seria algo interessante a explorar. Eu tive orientandos que fizeram um pouco disso, é verdade. Hoje eu poderia ver, não posso lembrar-me de todo mundo, mas tive orientandos que diziam: “ah, eu vou estudar com o Alfredo porque é um cara que fez Biologia, pensa como eu” — então me escolheram e acabei orientando. Isso aconteceu pouco. E todos os trabalhos foram respeitáveis: é claro que alguns eram modestos, mas todos bastantes interessantes. E também usando música, usando outras coisas, mas um pouco de Biologia também. Essa é uma parte da minha resposta. Talvez seja o prazo, se tiver tempo... Uma outra parte da resposta à tua pergunta, que foi... relembre-me, por favor...

Rosimeri: Sobre a sua relação com a Colômbia.

Alfredo: Isso mesmo! Então, em 2004, faz quase 20 anos, os caras fizeram um congresso — agora houve o 5º ou 6º — e me chamaram para pensarmos juntos (de outros modos). Foi o primeiro desse em que vocês estiveram lá. Uma vez eu tentei descobrir por que me convidaram; parece que foi mais ou menos assim. Disseram que tinha um cara junto que não cobraria nada — porque eles tinham medo de que as pessoas cobrassem. Coisas assim eu nunca cobrei. Tem uma coisa bem curiosa aí, uma particularidade que eu não sei se é totalmente verdadeira: descobriram que eu me interessava especialmente por uma cantora de jazz — Billie Holiday—, e uma das pessoas da comissão organizadora também era interessada por ela. Essa pessoa mandou um e-mail para mim, nós estávamos mais ou menos nos inícios dos e-mails. O e-mail era discado ainda, a conexão era discada — disso eu me lembro. Era com o telefone, uma barulhada horrível... A pessoa de lá me mandou uma mensagem e eu mandei algum material sobre a Billie. Um parêntese: sou reconhecido como colecionador de coisas da Billie Holiday. Sou do fã clube dela no Brasil — se o tal fã clube existisse... infelizmente, não existe! Mas eu me considero fã. E esse colega colombiano estava interessado em me convidar. Quem abriu esse congresso foi o René Schérer, já velhinho, de tênis, veio carregado para o palco...

Heliana: Ele já está bem velhinho, mesmo.

Alfredo: Incrível! Foi o Schérer que abriu e me convidaram para fechar o congresso, falando sobre Foucault e educação. Eu fui morrendo de medo, mas falei. E, nesse congresso, fiz amizade com algumas poucas e

excelentes pessoas, entre as quais com o Carlos Noguera-Ramirez — então há pouco tempo casado com a Dora Marín-Díaz —; com o Santiago Castro Gomes, que é uma figura espetacular, um excelente filósofo; e com a própria Dora Marín. Fiz esse conhecimento com eles. Quando voltei, em seguida, o Carlos se apresentou para fazer o doutorado comigo. Com a vinda dele, a Dora veio junto e foi fazer mestrado com a Nádia Geiza de Souza, colega nossa da UFRGS, bióloga e hoje aposentada. O mestrado da Dora nada tinha a ver comigo; era em Educação Infantil. E o Carlos Noguera fazia, então, doutorado comigo. Em função disso, ele ficou morando aqui, com ela, durante uns 5 anos, estudando muito; e ainda por cima, era meu vizinho. Fizemos uma excelente amizade. Nesse ínterim, ele esteve uma vez na Colômbia, ficou um mês por lá, depois me convidaram e fiquei conhecendo os Óscares^{viii}, fiquei conhecendo o David Gaviria, que veio fazer o sanduíche aqui na UNISINOS; fazer uma “*pasantía*”, como dizem por lá, com a professora Maura Corcini Lopes. Ele ficou aqui quase meio ano; os laços foram se reforçando e fui conhecendo mais pessoas importantes e interessantes. Algumas pessoas que eu tinha conhecido naquela primeira viagem se afastaram ou se aposentaram, e até nem sei quem ainda está por lá. Até hoje eles estavam, aquele pequeno grupo original, muito interessados na arqueologia dos discursos pedagógicos na Colômbia — uma coisa que nem me interessa, mas na qual eles trabalham muito bem. E, com isso, fizemos essa aproximação pessoal, muito rica para mim; uma aproximação acadêmica, também muito rica para mim, e uma aproximação com o povo de lá, com o país. É um país adorável, não sei se concordam comigo. É muito interessante; sou até meio colombianista, digamos assim — eu tenho uma faixa presidencial que se atravessa no peito, em azul, amarelo e vermelho, e que eu trouxe de lá. Então, quando vou ao aeroporto receber algum deles, ponho aquela faixa. Eles têm vindo muito para cá; eles e alunos deles — muitos já vieram em excursões acadêmicas. Com essa COVID19, foi suspenso um grupo que viria agora em maio passado; mas, quando abrirem as fronteiras, virão entre 10 e 15 alunos. Eles se interessam muito, vêm para Porto Alegre, fazem seminário, assistem a aulas, ficam aqui de 10 a 15 dias e depois voltam para a Colômbia. A história com eles é essa. As pessoas com quem tive contato mostraram para mim uma formação básica muito forte, aquilo que é muito próprio também nos argentinos, nos uruguaios — os caras leram literatura, conhecem música. Não estou dizendo que todos os colombianos são assim; estou falando dos colombianos que eu conheço. Então, é muito rica essa relação com eles. Já viajamos juntos pela Europa, fizemos uma porção de coisas até mesmo nas ANPEDs^{ix}; enfim, vários deles vêm e alguns trabalham muito bem. E agora nós estamos nesse grupo que está sendo coordenado pelo Edgardo Castro. Amanhã nós teremos uma reunião sobre isso, e fizemos um encontro sobre o que estamos chamando de “volume zero” da *História da sexualidade* — aqueles dois cursos que Foucault deu em Vincennes. Bom, o volume zero foi traduzido agora para o espanhol e está à disposição, à venda na Internet. Nós vamos fazer um ciclo de seminários sobre biopolítica a partir do finalzinho deste mês. O primeiro encontro está sendo publicizado,

inclusive no portal. Eu também estou num grupo, organizando junto a Maura Corcini; e convidei a Heliana para participar.

Heliana: Sobre isso, deixa eu te explicar: foi a Rosi que conseguiu me fazer entrar nesse negócio há uma semana, porque eu não entrava e, por isso, não aceitei o convite. Agora eu já entro, mas não sei como se planeja isso. Só sei apertar o botão e entrar no Zoom ou no Meet.

Alfredo: Zoom é fácil, mas que bom! Eu fiquei triste porque a Heliana não entrou, enfim!

Heliana: Eu não pude, naquele momento estava totalmente alheia a isso.

Alfredo: Envolvemos algumas pessoas e agora vai sair. Aquele foi sobre a *História da sexualidade* zero, agora vai ser sobre biopolítica. Confesso para vocês, e isso vou dizer para eles amanhã, que estou entusiasmado é com a atividade coletiva realizada com eles. “Eles”, que eu digo, são: duas pessoas do México, duas da Colômbia, duas do Chile, duas da Argentina e quatro do Brasil. Do Brasil, somos eu, a Maura, o Walter Kohan e o Sílvio Gallo; mas se trata de um tema pelo qual não estou motivado. Não quero dizer que não seja um tema importante, não é isso; mas não estou motivado. Eu não sei, não sei mesmo, como eu vou fazer para sustentar uma fala de uma hora, uma hora e dez, sobre biopolítica, que seja minimamente nova, interessante, provocativa. A Maura estava me dizendo, ontem ou anteontem: “Mas esse tema é atual”. Claro que é atual, eu sei; mas o que vou dizer de novo? A única coisa de novo que posso dizer é o que vou dizer para vocês agora: não gosto dessa coisa, desse destaque que está se dando para algo como se fosse novo, que é a necropolítica — e que estão destacando como grande novidade. A necropolítica é uma biopolítica negativa, é uma biopolítica racista; ela já está lá nas últimas duas aulas de Foucault. Então é mais ou menos assim como (o destaque dado para) a resistência. Não! A resistência é o poder em outro sentido. Não precisa muita coisa; então a única coisa que eu poderia dizer, eu disse para vocês em 2 minutos. Então não sei se vou dar um seminário, se vou participar ativamente — talvez só na organização, e olhe lá... Se vocês quiserem — deixei isso para hoje —, na reunião de amanhã, que será de tardezinha, indico os nomes de vocês. Se aceitarem, indico o nome de vocês como pessoas interessadas em Foucault, interessadas em biopolítica. Vai ser sobre biopolítica, mas eu não estou animado.

Heliana: Eu estou atrapalhada.

Alfredo: Se fosse governamentalidade ou neoliberalismo, aí sim! Está atrapalhada?

Heliana: Estou tão atrapalhada com coisas atrasadas, que não consigo me organizar dentro dessa pandemia-pandemônio. Como eu disse para Maura, prefiro assistir, apertar lá o botãozinho, porque estou louca com a situação atual. Mas agora, ao menos, já faço isso, já consigo conversar! E, com isso, me sinto na pós-graduação da rede...

Rosimeri: Essa relação remota é distante também. Ela é também invasiva. É uma relação em que a gente vai aprendendo — afinal, tem que aprender a lidar com isso.

Alfredo: Tem que se proteger!

Rosimeri: Eu queria fazer uma outra pergunta para ti, Alfredo, porque a gente está comemorando, este ano, os 50 anos da aula inaugural — *A ordem do discurso* — do *Collège de France*, de Michel Foucault. A pergunta parte daquelas notas iniciais feitas pelo Ewald e Fontana, que se repetem ao longo de todos os livros dos Cursos. Essa nota se repete, inclusive, no Curso *Teorias e instituições penais*, recentemente publicado em português, o último curso traduzido. Há uma passagem que eu acho bem interessante e que vai tocar direto num ponto dessa relação Michel Foucault e educação. Vou ler só um trechinho, se você me permite. “Michel Foucault abordava seu ensino como um pesquisador. Explorações para um livro vir, desbravamento também de campos de problematização que se formavam muito mais como um convite lançado a eventuais pesquisadores”. Então, isso é muito caro no campo da educação. Ele ensinava — eu agora estou pesquisando essa questão — e aí dividia com a gente todos os escritos, todas as anotações, as referências. Acho que tinha um quadro, um certo mapeamento de onde ele pesquisou, até chegar a cada Curso. É muito interessante a gente ficar lendo os cursos e ver: num primeiro momento, num segundo momento... — ele fazia muito isso. Uma certa arte do detalhe e também de mostrar para a gente, de tornar visível a sua pesquisa; assim ele ensinava como também pesquisava. E isso bate um pouco na nossa conversa inicial — Heliana ainda não tinha entrado —, em que você, Alfredo, estava dizendo que educação só se for daquela maneira para que a gente saia transformado de alguma maneira, para que saia outro nessa relação de educação. Então, ligando isso tudo: os Estudos Foucaultianos que você trabalha há muito tempo, a própria questão do currículo, como é que isso entra no ensino para que a gente ensine pesquisando? Mexendo um pouco com isso, o que você tem para nos dizer? Porque você levou a vida pesquisando, tem uma longa trajetória pesquisando. Conta aqui para a gente.

Alfredo: Olha, Rosimeri, bem lembrado. Conversamos muito rapidamente; quero voltar então, a partir dessa tua fala e dessa tua leitura, à tese do Carlos Noguera. Não é a tese de doutorado dele, e sim a tese que ele desenvolve numa publicação muito boa: “Foucault professor”. No fundo, é muito interessante nós examinarmos — e só com os cursos isso vai ficar claro, só com os cursos — essa preocupação não apenas metodológica de Foucault, mas a preocupação de mostrar a cozinha dele para os outros. E tendo claramente um objetivo de dizer: façam o que quiserem, mas vejam como é que eu fiz, para vocês poderem fazer da melhor maneira ou de maneira semelhante; aprendam comigo. Acho que a gente aprende demais com os cursos dele; e isso é muito interessante, porque ele tem uma passagem em que diz assim, não sei bem quando: “não gosto de escrever, esqueçam meus livros, meus livros são coisa assim, fogos de artifícios e tal”. É que depois de carbonizados, os fogos de artifício não servem para mais nada.

É muito legal isso, mas os cursos não — os cursos, pelo contrário! Vocês vejam, esses cursos — ou mesmo, se vocês quiserem, aqueles dois cursos que formam o volume 1 e o volume zero da *História da sexualidade*, aqueles dois cursos transformados em livros — são de um caráter completamente diferente. Por isso é que eu também não sei se é mesmo o volume zero, porque a *História da sexualidade* foram 6 volumes. Saíram

4; mas são livros. E aquele zero não, aquele zero é o método. Pois bem, nós estamos agora estudando, reestudando, revendo, o *Tecnologias do eu*. Aqui é um curso que ele deu; um dos textos parece que foi em Vermont. Mas, enfim, aí tu vês a sua preocupação de explicar o que está dizendo — muito bacana ele explicar o processo da cozinha que enfrentou para chegar àquelas ideias. Ele diz que foi lendo isso, foi lendo aquilo, foi montando aqui e ali. E é um pouco estranho, às vezes, porque ele começa de um jeito e termina de outro. Um exemplo clássico disso está no curso *A história da biopolítica*, no *Collège de France*. Nos primeiros momentos da penúltima aula — ou da última aula, não me lembro bem — ele diz mais ou menos assim: “eu ia falar sobre biopolítica e acabei não falando; tratei aqui do liberalismo, do que é o liberalismo, do neoliberalismo”. Essa coisa toda é muito legal. Ou seja, esse é o Foucault vivo, e é isso que eu acho mais importante. A gente pode se espelhar um pouco nisso, pode copiar, pode se inspirar nessa pegada de Foucault, para fazer isso também, para mostrar isso: como é que a gente faz, como é que a gente fez. Eu dei, até agora, acho que 4 ou 5 seminários muito amplos, ao longo dos anos. Seminários muito concorridos, em que eu trabalhei a minha tese do doutorado — na verdade foram duas teses, foi o que eu pude fazer, foi o que a casa tinha a oferecer em 1990. Acabei fazendo duas teses; então, peguei aquela minha tese de doutorado, dividi em duas partes e trabalhei com os alunos, mostrando como fiz isso, como fiz aquilo e tal. Muitos casamentos eu fiz: Norbert Elias com Foucault foi um desses casamentos que eu fiz, para mostrar algumas de suas afinidades e tirar alguma produtividade daí. Nos tais seminários, discuti por que e como eu fui fazendo essas relações e como eu cheguei a tudo isso. Eu fiz isso meio que por inspiração própria. No caso de Foucault, acho que as riquezas dos seus cursos são muitas, e uma delas é justamente essa: lendo seus cursos, nós podemos entrar na cozinha do Careca. Em mais de uma passagem da sua obra, Foucault discute, em pormenores, a questão do método. Assim, por exemplo, no 1º capítulo da *História da sexualidade III* — “O cuidado de si” —, Foucault discute o que ele chama de “o método de Artemidoro”. Isso é uma beleza. Depois, ele entra na alta erudição, nos autores gregos, aquela coisa de que ele gostava muito e que é muito interessante e muito difícil. Mas esse capítulo é muito legal. Eu sou um cara muito preocupado com o método, com os caminhos da pesquisa. Do método como caminhos até chegar lá; *métodos*, como os gregos diziam, são os caminhos que nos levam além, para uma meta que se coloca adiante. Isso é metodologia. Mas, enfim, acho muito boa essa tua lembrança, Rosimeri. Para isso o texto do Carlos Noguera é um primor, pois, segundo ele, Foucault era antes de tudo um professor, um pensador-professor.

Rosimeri: Você quer completar Heliana?

Heliana: É, eu queria. Eu rio muito com isso, Alfredo, pois você já escreveu vários textos do tipo “Esqueça Foucault, por favor”. Não é esse exatamente o título, mas são sempre títulos muito interessantes nesse sentido. Assim, digamos: qual seria o jeito de desviar-se, de pelo menos deslocar-se — para usar o termo que Rosi adora — do fanatismo Foucault? Ou não devemos nos deslocar?

Alfredo: Devemos sim! Bem... há muitos tipos de fanatismo: eu sou fanático pela Billie Holiday, sou fanático por Schubert, sou fanático por Foucault.

Heliana: Eu também!

Alfredo: Nós também, considerando o que aprendi e que posso aprender, pois ainda temos mais para aprender com o Careca. Agora, a questão é a seguinte: estamos em uma sociedade do espetáculo, uma sociedade da aparência. Eu não me irrita com as pessoas que se mostram fracas; eu me irrita com o uso aligeirado, com o uso malandro: bota uma citação aqui, outra ali, e está falando em outra coisa. Isso aí me irrita, acho que é um problema; não sei se vocês também acham. Agora, aprofundar no cara, seja fazendo leituras (digamos) exegéticas, arte, algo que não combina com ele, até isso eu acho bom, competente. Aquele nosso amigo e colega, o Edgardo Castro, sabe as vírgulas, além de ter uma memória incrível. É um cara que tem uma paciência incrível. É um filatelista de Foucault, aquele cantinho do selinho — vocês sabem como é o filatelista... —; aquele cantinho do selinho que se encontra dobradinho e tem que desdobrar. Ele é ótimo, não tenho nenhum problema com isso. Eu tenho problema com esses outros caras. Nós temos um colega em uma universidade federal, não do nosso circuito, uma pessoa que nunca vi nos encontros de Foucault. Vou fazer uma fofoca. Então, vou salvar dessa fofoca as pessoas que vocês conhecem — talvez vocês o conheçam, mas ele não é do nosso circuito. Aquele cara que bota um livrinho de Piaget em baixo do braço, ou um livrinho de Paulo Freire em baixo do braço e sai falando: sou freireano, sou piagetiano, ah não! É muito ruim! Não é porque seja Piaget, Freire ou Marx, mas pelo fato de tratar a coisa de forma tão vulgar... É muito ruim. É mais ou menos como quando a gente vai a uma festinha, a uma audição ou a alguma outra coisa e tem alguém que pega o microfone e vai cantar, mas não tem voz nenhuma. O cara assassina a música; aí tu tens que ficar ali vendo aquilo. Não dá, não é? Eu tenho uma pessoa da minha família que faz isso. Se tem microfone estou fora, não vou. Estou na idade de negar festinhas familiares que têm esse tipo de pessoa. Meu problema é esse. É que é preciso ter o mínimo de noção das consequências; saber juntar coisa com coisa — disso não abro mão. Não é exatidão, mas rigor. Tem que ser coerente, sabendo que há opiniões divergentes, que não está tudo explicado. Sabendo que a gente não está sendo claro; mas não dá para fazer enganação. Então isso é uma coisa que de fato me irrita. Agora mesmo saiu uma *live*, e uma colega nossa me mandou perguntando: o que tu achas disso? Eu falei: é um horror! Na *live* a pessoa fala que nós temos que levar a educação adiante e não ficar dizendo, como fazem certos foucaultianos, que o necessário é a disciplina, que nós temos que disciplinar, vigiar e castigar os outros. É uma *live*; eu posso mandar para vocês. O cara não leu nem a orelha do livro. E olha que a orelha do meu livro, por exemplo, só tem uns comentáriozinhos. Mas eu recebi a tal *live*. A pessoa que mandou, uma colega, não sei se mandou para me testar. (risos)

Heliana: Deixa eu contar uma história que você vai rir; às vezes isso ajuda. Há muitos anos elaborei, junto com outras pessoas, uma prova para psicólogo da polícia militar, e uma das sugestões bibliográficas da

prova era *Vigiar e punir*. Era a única sugestão com que os coronéis da PM vibravam. Diziam: “É isto! É vigiar e punir; que tem que cobrar das pessoas”. E a gente concordava: é isso aí! Eles achavam que *Vigiar e punir* era isso.

Alfredo: O cara não entendeu nada!

Heliana: O resto da bibliografia, Paulo Freire, por exemplo, eles criticavam. Mas *Vigiar e punir* adoravam.

Alfredo: Joia. Mas é isso, irrita. Não é porque o Careca tenha, sei lá, tenha que ser protegido ou criticado; não, é porque está errado. Aí não dá, não é? Se tem uma coisa que eu me bato muito nas minhas discussões metodológicas, é a justificativa do tipo “essa é a minha leitura, a minha interpretação”. De fato, há infinitas coisas que podem ser ditas sobre qualquer coisa; mas não pode ser dito tudo. Infinito não é sinônimo de tudo! Temos uma demonstração prática, pragmática, na teoria dos números: entre o número 1 e o número 2, há infinitos números, porque tem decimais, tem centesimais etc. — bem, infinitos números. Está aí o número 3? Não, entre os números 1 e 2 não está o número 3. Está aí o número 4? Também não! Então, há infinitos números dentro e infinitos números fora do intervalo 1 – 2. Esses infinitos são de (digamos) tamanhos diferentes. Então tu podes dizer — isso está lá no Humberto Eco, não é invenção minha, trata-se de interpretação e superinterpretação —: há infinitas coisas que podem ser ditas; mas tu não podes dizer que uma garrafa d’água, por exemplo, é um automóvel. Como eu falei, há infinitas coisas que podem ser ditas sobre ela, a garrafa: e tu podes dizer, também, infinitas coisas que não são sobre ela. Quanto a isso, tem dois caras para nos explicar esses dois caminhos. Um deles é o Jacques Derrida, que é ótimo com isso; o outro é o Humberto Eco, sobre interpretação e superinterpretação. Pode-se levar a interpretação ao infinito, mas no infinito não há natureza, dizem os filósofos naturais. Infinito não é a natureza, infinito é algo pensado e imaginado naturalmente.

Heliana: Faz parte do que chamam de liberdade de expressão.

Alfredo: Aí então é o vale tudo. Essas coisas são muito boas. Eu gosto muito desse viés metodológico, dessas discussões de método que interessavam o Foucault. *A ordem do discurso*, por exemplo, é um texto metodológico. Ele não ensina como fazer referência bibliográfica com as regras da ABNT, não se trata dessa metodologia. É outra coisa muito diferente mais importante e mais interessante. Mas é método, são os caminhos, inclusive traçando caminhos para o futuro, pós 1970. Para ele, o que ele faria, como ele mesmo disse: “faremos nos próximos anos”. Maravilha! Isso é metodológico!

Rosimeri: Muito bom, muito bom, mesmo!

Alfredo: Eu me entusiasmo, vocês me desculpem, mas eu me entusiasmo! Pegu a palavra!

Heliana: Maravilhoso!

Rosimeri: Isso é muito bom!

Heliana: Musical, sempre musical!

Rosimeri: Sim! Mas a ideia que a gente tinha, de ficar um pouco solto também, para a gente conversar um pouco acerca da visibilidade histórica, desse traçado histórico também, dos foucaultianos no Brasil e a relação com o campo da Educação.

Alfredo: Sabe, Rosimeri, eu fico muito contente, muito honrado, muito envaidecido, e um pouco surpreso também, até mesmo por esse interesse de vocês; afinal de contas — sem nenhuma modéstia, falsa modéstia, nada disso. Mas eu estou perdido aqui nos pampas, fora do eixo Rio-São Paulo. E vocês me buscam aqui...

Heliana: Cuidado com os gafanhotos!

Alfredo: Estão voltando. Com esse calor que está fazendo hoje aqui. Pois é, estou perdido aqui e vocês tão interessadas em conversar comigo. Agradeço muito essa generosidade, amizade; fico contente, é claro. Vocês, antes de falarem comigo, falaram com a Maura; aí eu disse para ela: “o que que essas gurias querem comigo? Elas querem saber coisas. Mas o que elas querem saber? Vou telefonar para elas, vou falar com elas”. Fico contente!

Heliana: Agora, para variar, me lembrei de uma bobagem, uma vez que falei dos gafanhotos. Foucault não fala, lá no prefácio de *História da loucura*, num “murmúrio de insetos sombrios”? Gafanhotos!

Alfredo: Exatamente, e é um murmúrio! Outro dia, na TV, eles mostraram — foi ontem ou anteontem —, que os gafanhotos estão lá no oeste do Rio Grande do Sul, a 70 km de Uruguaiana. E o repórter disse: deve ter mais de 1000 gafanhotos. Meu Deus! São milhões de gafanhotos!

Rosimeri: Uma quantidade imensa.

Alfredo: Tem mais de mil, é verdade. Tem milhões. É um problema. As pragas são problemas.

Heliana: Uma amiga outro dia me escreveu sobre as coisas horríveis que estão nos acontecendo: nuvem de areia, COVID 19, nuvem de gafanhotos; ela ia por aí. Aí eu mando para ela, de vez em quando, uma naja. Coisas horríveis vão se somando.

Alfredo Veiga-Neto: Inacreditável.

Heliana: Que é isso, gente? Aí aparece um tubarão em Brasília, no lago. Em Brasília não há tubarão!

Alfredo: Há vários, há vários tubarões em Brasília...

Heliana: Em casa. (risos)

Rosimeri: É doideira. O tempo está esquisito, bem esquisito, acho que abriram um tampão — aqui no Brasil em especial. Abriram uma tampa, de onde aparecem coisas e criaturas inimagináveis. Na verdade, a gente sabia que sempre existiram, só que agora surgem de uma forma muito palpável, como uma conspiração em que vem gafanhoto, começa a aparecer tubarão de não sei de onde, vai aparecendo. Parece uma conspiração.

Alfredo: Temos algumas esperanças, por exemplo: as eleições dos Estados Unidos agora. Isso pode nos dar uma série de esperanças também: esperanças em alguma virada.

Heliana: É, vamos ver!

Rosimeri: Vamos aguardar. Hoje tem votação do FUNDEB^x. É uma outra coisa que também apareceu e que não era para aparecer no final de semana. No meio da política, o negócio está meio complicado. Mas acho que a gente já está se alongando muito, e não quero abusar do Alfredo. Já estamos indo para quase 2 horas de conversa.

Alfredo: É? Eu estou me divertindo. Passa rápido!

Rosimeri: Passa muito rápido! Alfredo, você disse para a gente, aqui nessa entrevista, que se pudesse ampliaria o terceiro domínio de Foucault e a educação. Enquanto você estava falando pensei, porque a gente trabalha com estudantes de graduação, de pós-graduação também, que seu livro traz uma aproximação. Eu, que trabalho numa Faculdade de formação de professores, com diferentes licenciaturas, noto que os Estudos Foucaultianos entram muito pouco ainda — e olha que estamos falando de 2020. É sempre muito difícil, há sempre uma certa oposição, que não é resistência: quando tem resistência eu acho legal, porque tem sempre uma ponta solta para a gente entrar numa conversa. Acho que tem uma oposição de grupos, porque os cursos, as licenciaturas, são eminentemente marxistas ou humanistas, e aí a gente tem uma discussão grande. Então quando você falou isso do seu livro, gostei muito, porque eu o uso na formação de professores. Entretanto, vou fazer uma associação aqui tomando como referência o Paulo Freire que, um pouco antes de morrer, lançou aquele livro “Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa”. Uma espécie de livro de bolso que vinha, como se fosse com aforismos, formar uma relação entre docência e discência. Isso atua no campo da educação. Eu acho terrível o que vou falar, mas é minha percepção: esse livro tornou-se algo como se fosse um livro de autoajuda. Todo mundo conhecia a obra do Paulo Freire usando aquele livro e falando aqueles aforismos, que são frases lindíssimas, mas de efeito, e que têm um impacto. Então, é uma questão muito difícil para mim, porque gosto muito de Paulo Freire. Na minha tese tem um capítulo em que falo do Paulo Freire, e falo que ele é um homem do seu tempo, visto que traz uma perspectiva bem interessante, que tem uma correlação de pensar uma política formativa como método, também. Método, para ele, também é uma política. Enfim, tem algumas aproximações ao nosso educador, também. E aí fiquei muito interessada nesse seu deslize, que a Heliana até citou. Porque falar mais desse último Foucault é também falar de uma certa relação com o campo da educação que coloca a educação nesse lugar de transformação, que reposiciona a educação como uma possibilidade de transformação de si e transformação do mundo. Então fico entusiasmada porque acho que é um livro — *Foucault e educação* — que a gente usa muito no campo para se aproximar dos Estudos Foucaultianos, ou até como uma literatura importante, uma literatura secundária, porém importante, de Michel Foucault — desviando do Michel Foucault, lendo Alfredo Veiga-Neto, para brincar com o que a Heliana falou. Fiquei bem interessada nisso. Não é uma pergunta, é mais uma colocação, também, dos usos de Foucault, porque isso é bom: usem como quiserem; sejam pirotécnicos. Mas um uso que se aproxime dessa dimensão, de reposicionar o sujeito da educação como esse sujeito amplo, aberto, que possa estar sempre se tornando

outra coisa. Um sujeito que, muitas das vezes, na educação, é colocado de modo reducionista como o sujeito do conhecimento, colocando o sujeito da educação no lugar da transmissão/recepção do conhecer. E é quando a gente está falando com Michel Foucault a partir desses estudos, quando está reposicionando essa dessubjetivação e essa possibilidade de transformação, que eu penso — e concordo muito com o que você falou — que sempre há a possibilidade de a gente viver e fazer diferentemente^{xi}. Não sei, fiquei aqui fazendo uma correlação e, na verdade, é um desejo de dividir isso com você. Acho que no campo isso acaba acontecendo muito também.

Alfredo: Tu foste bem no alvo da coisa toda. Tem um autor que eu conheci em 2012, quando nós ficamos, naquele ano, a Maura e eu, ela fazendo o pós-doutorado dela e eu dando umas aulas lá em Lisboa; e depois fomos a Paris duas vezes, lá no Centro Michel Foucault. E aí, muito *en passant*, eu conheci um cara bastante interessante; inclusive, ele está traduzido no Brasil. Escreveu um livro primoroso: *Pensar de outro modo* (Alain Touraine). Ele é muito interessante, está vivo, porém muito velho agora. É interessante também porque, mesmo não sendo um foucaultiano e vindo de outra tradição filosófica, ele casa com Foucault no entendimento de que, dentre outras coisas, a própria educação é compreendida como um processo — o que tem um pouco a ver também com Paulo Freire, a respeito de não fazer da educação um processo de acumular coisas, de botar muito conteúdo, muitos conhecimentos para dentro. Isso pode ser feito, pois o currículo não se reduz a conhecimentos. O importante, na educação, é saber “o que eu faço com isso”, “como é que eu trabalho essas coisas”, “os conhecimentos e as práticas”; nessa parte da prática, o Alain Touraine não dá destaque. Como todos sabemos, Foucault dá grande destaque à prática, a “o que eu faço com isso” para me tornar outro e para pensar de outro modo. No caso de Touraine, a pegada se dá muito no campo da epistemologia. Pensar de outro modo significa apropriar-se dos conhecimentos e trabalhá-los para pensar de outro modo, enquanto que para Foucault não significa apenas isso, significa mais do que isso. Ou seja, significa se submeter a práticas e submeter-se a si mesmo, submeter-se a essas práticas para tornar-se outro. Esse é o “a mais”, aquele “a mais” que Foucault nos dá e que tem uma sintonia interessante com o Paulo Freire. Valeria pensar, trabalhar um pouco isso, porque se trata de entrar no interior dos ossos, pensar de outro modo, e não simplesmente juntar as coisas. E se agora estou pensando de outros modos, não é porque eu aprendi a fórmula química da água — isso é importante no ensino médio. Então eu acho que esse casamento aí — de um lado Alain Touraine com Foucault, e eles juntos também com essa pegada freireana, sem que caiba aqui a palavra ideologizar e nem desideologizar — pode ser produtivo para pensar de outros modos. E aí, o método chamado da demonstração na verdade não é da demonstração, é da mostraçã, é do ato de mostrar. Aí eu volto um pouco lá para o Thomas Kuhn, com a sua pegada estruturalista. Tem que aprender com esses caras também. Eu mostro por ostensão, essa é a palavra técnica que os caras usam: eles mostram ou ostentam e ao mostrar ou ostentar, eles diferenciam; com isso eles ensinam.

Então, isso é muito interessante: ensinar a pensar de outro modo, ensinar a não repetir o que já foi dito, mas a fazer da volta do dito um outro acontecimento. Tem aquela frase de Foucault, que eu uso muito e estou até cansado de tanto usar: “a novidade não está no dito, mas no acontecimento do seu retorno”; ou seja, fazer o dito retornar e, quando ele retorna, retorna em um outro ambiente epistêmico ou epistemológico, tem um outro acolhimento. Isso na música se chama *ritornelo*. Ritornelo é a repetição; mas se estabelece uma diferença na repetição, porque essa repetição não se dá igual a antes; ela se dá na diferença em relação ao antes. Tem coisas que parecem uma piração. Aí já puxa Deleuze; mas é isso, tem que ser isso. Ser professor, formar educadores, trabalhar com isso, trabalhar nesse interior dos ossos; senão não adianta, senão não transforma. Tem que subjetivar e subjetivar de novo. E esse terceiro Foucault é isso, é muito bacana. Aquele capítulo que eu revisei, do livro que o Tomaz da Silva organizou — *O sujeito da Educação* —, escrito pelo Jorge Larrosa, é a melhor coisa que ele escreveu na vida. É muito bom. “Tecnologias do Eu e Educação” é o nome do capítulo, muito interessante, muito bom mesmo. Esse é outro cara, o Jorge Larrosa, que foi importante naquela época em que montamos aquele livro dele: *Pedagogia profana*. Foi na minha casa, na minha outra vida — eu estava em outro casamento, era uma outra vida. Ficamos, eu e o Jorge, numa madrugada até de manhã bebendo, terminamos borrachos. Ele foi reunindo o material e aí, horas depois, nós montamos *Pedagogia Profana*. Ali há um outro texto dele, no sexto capítulo, que é “Sobre a lição”. É genial. “La classe”, em espanhol. Este é o “Tecnologias do eu e educação”, para mim, são os dois textos dele mais interessantes. Mas essas questões levantadas no “Tecnologias do eu”, relativas ao terceiro Foucault, relativas a esse “ser sujeito *de soi même*” é genial e tem tudo a ver conosco, tem tudo a ver com a nossa discussão e tem tudo a ver com o que a educação está precisando. Sair desse esquema bruxo, primário, troglodita e tosco, dos ministros e tecnocratas do Ministério da Educação, deste governo atual e de outros governos também. Por exemplo, só um detalhezinho. Na época do primeiro governo Dilma, por dois anos eu fiz parte, juntamente com Antônio Flávio Barbosa Moreira e outros colegas, de uma comissão do Ministério da Educação, em que deveríamos pensar os currículos para a Educação Básica, criando subsídios para o Ministério da Educação e para o Conselho Nacional de Educação. Eram reuniões pouco produtivas, apesar de as pessoas serem ótimas, simpáticas, competentes, educadas e muito legais comigo. E, como as reuniões eram realizadas em Brasília, tudo era muito caro, pois precisávamos viajar para lá todos os meses. Uma das orientações era a seguinte: evitar colocar a palavra conteúdo junto da palavra currículo, para não cairmos num currículo conteudista, numa educação conteudista. Não dá para trabalhar assim! Não haver conteúdos? Se tu achares que conteúdo é uma tabuada $2 \times 3 = 6$ ou $5 \times 4 = 20$, se isso é conteúdo, então isso não pode ser ensinado — tem que ser espontâneo, tem que vir de dentro da criança. Um dia o Antônio Flávio bateu na mesa, junto com uma pessoa que era técnica de uma das secretarias do MEC — não vou dar nomes —, bateu na mesa e disse: “assim não dá, assim não dá para trabalhar!” O Antônio Flávio é uma pessoa supereducada; e ainda bem que ele disse isso, porque eu já não

aguentava mais. Então esse é um tipo de coisa que já herdamos, vocês veem e eu também tenho visto isso na educação, mas vocês sabem como é que é. A educação é cheia desses mitos, dessas proibições ou dessas exaltações. A exaltação do empresário de si mesmo é, hoje, essa bobagem que está ocorrendo por aí, lamentavelmente. Trabalhar contra isso não é fácil.

Heliana: Alfredo, a gente queria te agradecer mais uma vez. Estamos nos encaminhando para o final, porque essa coisa remota também tem seus limites. Assim como você, eu tive algumas dificuldades de me aproximar desse chamado último Foucault, o Foucault da ética etc., mas ultimamente, talvez pelo momento que estamos vivendo, ando muito apaixonada pela discussão sobre a *parresia*, sobre a coragem da verdade, sobre um falar acerca da verdade que possa escapar desse besteirol polarizado último: a discussão sobre as *fakenews* versus o “respeito à ciência”. Enfim, nós estamos muito enrolados para responder a isso. Eu, por exemplo, não sei ainda como fazer, mas acho que quando Foucault fala do risco, do perigo, e de uma ressonância entre a maneira de pensar e a maneira de viver, está dando uma dica importante para os nossos tempos. Há uma frase dele de que eu gosto muito também, está em uma entrevista, não me lembro mais qual. Diz mais ou menos o seguinte: você não vai ter que inventar, do zero, tecnologias de si que sejam resistenciais, porque elas já estão aí, no mundo. A questão é, talvez, se encontrar com elas. Penso, quer dizer, tenho certeza de que um dos motivos que levou Rosi a ter essa ideia de te entrevistar é que, para nós, você é esse *parresiasta*, sem dúvida, na educação e em outros campos também. E a gente tem imensa admiração por você, um carinho de verdade. Então, te agradecemos.

Alfredo: Muito obrigado, mesmo!

Heliana: Não sei se Rosi ainda quer falar outra coisa.

Rosimeri: Só agradecer.

Heliana: Quero agradecer também a Fabiana e Mychell pelo suporte tecnológico que estão dando para a gente, e dizer que espero que ainda possamos nos encontrar em uma livraria...tem coisa melhor?

Alfredo: Em um café, em uma livraria!

Heliana: Um café na livraria é melhor ainda.

Rosimeri: Uma taça de vinho em boa companhia, se abraçar.

Alfredo: Rosi e Heliana, eu fico muito emocionado, muito contente, muito agradecido; sim, porque sou parceiro de vocês, conheço suas trajetórias e as respeito; por isso fico muito contente por esta tarde e por essa oportunidade. Eu mando, às vezes, algumas coisas, alguns memes para Rosi, brincadeiras e tal. Recebo muita coisa dela e tomo a liberdade de mandar o que acho que possa interessar, mas, acreditem, fico muito à disposição de vocês. Sempre! É fácil me achar, fácil me chamar e a Maura me disse na hora do almoço: “olha, não esquece de dar um beijo para as gurias e desejar a vocês e suas famílias paciência, saúde, paciência o tempo todo e felicidade”. Enfim, fico muito contente não só pelo que vocês me provocaram, me fizeram falar, mas por coisas que deixaram eu pensar também. A gente, quando fala, organiza o

pensamento. Então, muito obrigado por isso, muito obrigado a vocês e suas famílias pela disposição. E tomara que a gente se encontre logo.

Rosimeri: Já, já, com a transcrição que resultará no texto. Uma vez transcrito, iremos te enviar. Ainda vamos nos falar, está bem.

Heliana: Beijos na Maura também.

Alfredo: Está bem, darei. Ela não sai do gabinete dela, ela não sai de lá porque é decana da UNISINOS, decana de Humanidades — uma área que está por baixo, pois Humanidades está por baixo. O negócio é que são jesuítas e são bem preparados. Essa é a sorte dela. E ainda há a ANPED também. A ANPED é como um buraco negro que consome muito trabalho e muito tempo

Rosimeri: Um mundo de meios e trabalhos.

Alfredo: Sim. O meu muito obrigado, gurias! E obrigado também para Fabiana e para o Mychell.

Rosimeri: Um beijo bem carinhoso para ti, um beijo para a Maura também, a gente vai se falando, não acabou ainda não.

ⁱ A entrevista foi realizada em 21 de julho de 2020, de modo remoto pelo zoom, atendendo ao momento pandêmico que vivemos no Brasil. Ela foi gravada e transcrita por Mychell Christiano Pires de Mello e Fabiana de Mesquita do Patrocínio Dias. Desde o Rio de Janeiro, Rosimeri e Heliana, e desde Porto Alegre, Alfredo, a entrevista-conversa acontece de modo itinerante para dar visibilidade e fazer ver e falar o trabalho dos estudos foucaultianos para o campo da educação.

ⁱⁱ Professora Associada do Departamento de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação Processos Formativos e Desigualdades Sociais, da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FFP/UERJ). Procientista UERJ. Jovem Cientista do Nosso Estado FAPERJ (2016/2019). Publicou *Deslocamentos na formação de Professores, Análise e intervenção na formação de professores e Formação inventiva de professores*, pela Editora Lamparina. Juntamente com Heliana de Barros Conde Rodrigues organizou a coletânea *Escritas de si*, pela Editora Lamparina. Coordenadora do Coletivo Oficinas de Formação Inventiva de Professores – OFIP. Editora da Revista Interinstitucional Artes de Educar. Suas pesquisas se articulam em torno dos estudos da formação inventiva de professores e suas análises e interfaces com Michel Foucault, políticas de cognição, estética da existência. E-mail: rosimeri.dias@uol.com.br Rio de Janeiro. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9250-1010>

ⁱⁱⁱ Psicóloga. Professora Associada da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), atua nos cursos de graduação em Psicologia e pós-graduação em Políticas Públicas e Formação Humana. Publicou recentemente: *Ensaio sobre Michel Foucault no Brasil - presença, efeitos, ressonâncias* (2016, Ed. Lamparina) e *Análise Institucional, Genealogia, História Oral - fabricando intercessores em pesquisa e intervenção* (2019, Ed. Appris). Juntamente com Rosimeri de Oliveira Dias, organizou a coletânea *Escritas de si* (2019, Ed. Lamparina). E-mail: helianaconde@uol.com.br Rio de Janeiro. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4687-3646>

^{iv} Mês de julho de 2020.

^v <http://www.michelfoucault.com.br/>

^{vi} FOUCAULT, M. *La sexualité* – Cours donné à l'Université de Clermont-Ferrand, 1964 – suivi de *Le discours de la sexualité* – Cours donné à l'Université de Vincennes, 1969. Paris: Seuil/Gallimard, 2018

^{vii} FOUCAULT, M. Entrevista com M. Foucault, por J.G.Merquior e S.P.Rouanet. Em: *O homem e o discurso* (A arqueologia de Michel Foucault). Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1971.

^{viii} Óscar Pulido Cortés e Óscar Orlando Espinel Bernal

^{ix} Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

^x Fundo de desenvolvimento da Educação Básica. Em 2020, nas proximidades do dia da realização desta entrevista, a educação teve uma vitória, no meio de tantos ataques que sofre com este governo atual: O FUNDEB torna-se permanente, tendo sido aprovado na Câmara e no Senado, por unanimidade. Para mais detalhes ver: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2020/08/25/novo-fundeb-sera-maior-e-tera-carater-permanente>

^{xi} NOGUERA RAMIREZ, C.E. Foucault professor. *Educación y pedagogia*, vol. 21, num. 55, set/dez 2009. Disponível em <http://www.michelfoucault.com.br/files/Foucault%20profesor.pdf>